



A BOA FORMA DA PAISAGEM - ESTÉTICA E ECOLOGIA NOS PARQUES

URBANOS

ANDREA AGDA,

Universidade Presbiteriana Mackenzie; Doutoranda; São Paulo- SP; andrea.agda@gmail.com

RESUMO

Qual a importância da estética na paisagem dentro de uma visão ecológica? De que forma podemos perceber e analisar a paisagem dos parques urbanos? As questões estéticas e sensoriais se apresentam de forma crucial na compreensão e análise dos espaços. A partir dessas perspectivas busca-se trabalhar na criação de uma arquitetura mais sensível e mais conectada aos usuários. A forma e a adequação dos elementos da paisagem tornam-se o ponto de partida, de modo a valorizar a dimensão estética da paisagem. Várias perspectivas se cruzam e apontam para uma ecologia urbana dos sentidos e para uma estética ambiental. A partir da reflexão desses vários eixos que se cruzam encontramos na teoria de Kevin Lynch uma abordagem sistêmica e ao mesmo tempo sensível à percepção e à vivência do usuário. Suas cinco dimensões de desempenho da paisagem: vitalidade, sentido, acesso, adequação e controle; apontam para a construção de um método que nos permita analisar a paisagem dos parques urbanos de forma a contribuir com a reflexão teórica, a pesquisa e a intervenção projetual. Pela boa forma da paisagem.

Palavras-chave: paisagem; parques; estética e ecologia;

THE GOOD FORM OF THE LANDSCAPE – AESTHETICS AND ECOLOGY IN PARKS

ABSTRACT

What is the importance of aesthetics in the landscape within an ecological vision? How can we perceive and analyze the landscape of urban parks? Sensory issues are presented crucially on understanding and analysis of the spaces. From these perspectives seeks to work on creating a more sensitive architecture and more connected users. The shape and the adequacy of landscape elements become the starting point, so to appreciate the aesthetic dimension of the landscape. Multiple perspectives intersect and point to an urban ecology of the senses and an environmental aesthetics. From the reflection of these various crossing axes found in Kevin Lynch's theory a systemic approach and at the same time sensitive to perception and user experience. Its five landscape performance dimensions: vitality, sense, access, adequacy and control; They point to the construction of a method that allows us to analyze the landscape of urban parks in order to contribute to the theoretical reflection, research and architectural design intervention. For the good form of the landscape.

key-words: landscape; parks ; ecology and aesthetics;





1. INTRODUÇÃO

Mas o que é a Boa Forma da Paisagem? A partir de uma visão platônica o bom e o belo se confundem, são uma coisa só. Em uma visão filosófica mais ampliada, o sentimento estético reside na harmonia do entendimento e da imaginação; do sentido e da função. Através da arquitetura projetamos intervenções no ambiente, imprimindo significância estética, harmonia e coerência; sensibilizando o olhar e a presença do usuário. Criando novos significados e conexões, como é o caso do Parque da Juventude que estudaremos no exemplo a seguir.

A beleza de uma paisagem é uma resultante da ordem que se manifesta no equilíbrio ecológico dos diversos fatores que nela atuam e na sua adequação. Observa-se que o equilíbrio dos fatores que atuam na paisagem é fundamental numa visão sistêmica; incluindo os fatores culturais e sociais. (Magalhães, 2001)

Com a Ética e a Lógica, a Estética faz parte da tríade das ciências normativas. Etimologicamente *aeisthesis* quer dizer em grego, sensibilidade. Num sentido mais amplo entendendo a Arquitetura da Paisagem como uma arte, que busca o belo e o sensível, é através de uma forma que se dá expressão a determinado conteúdo, sensibilizando e conectando o usuário de forma significativa e revelando o sentido do lugar. (Magalhães, 2001)

Concordando com essa visão, Hegel afirma que a estética se relaciona com a beleza, que é a aparição perceptível da ideia; a sua forma é a configuração sensível e imaginativa. O que nos faz partir desse raciocínio de que a intenção presente na intervenção paisagística, aqui encarada como técnica e como arte, produz uma determinada estética. Nos levando a dedução de que poderá existir assim uma estética da sustentabilidade ou uma estética ecológica. (Huisman,1994)

No presente artigo abordaremos a paisagem a partir da perspectiva da arquitetura, entendendo que a filosofia possa aprofundar a contextualização, relacionando-a a outros conceitos importantes para o desenvolvimento do nosso substrato conceitual que são a estética e a ecologia.

A paisagem não reside somente no território, nem somente no sujeito, mas na interação complexa do homem e ambiente. Esta relação, que coloca em jogo diversas escalas de tempo e de espaço, não depende de um único fator. Somente podemos enxergá-la a partir de uma visão sistêmica onde tudo está interligado e onde uma alteração em cada um dos elementos pode causar uma alteração no sistema como um todo. (Cullen, 1983)

Para Cullen (1983) paisagem urbana é a arte de tornar coerente e organizar, visualmente, os elementos que constituem o ambiente urbano. Esse conceito de paisagem tem influência principalmente dentro de uma visão analítica e dinâmica da paisagem à partir de premissas



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



ecológicas e estéticas, observando como os elementos da paisagem urbana interagem e afetam as pessoas.

Nós, arquitetos, trabalhamos de forma a organizar os elementos da paisagem para que se possa criar um ambiente apreciável em todas as suas dimensões. Por vezes a intervenção paisagística se confunde com a natureza, arte e técnica para o bem-estar do homem.

Evoluímos bastante em tecnologia, importantes ramos da ciência trouxeram grandes contribuições da ecologia para a arquitetura e o urbanismo. No entanto, quando se trata de colocar em prática, existe uma região abissal entre o conhecimento acumulado hoje em relação a urbanismo ecológico e a aplicação em projetos urbanos realizados. Temos tecnologia suficiente para despoluir a maioria de nossos rios, gerar energia limpa e aproveitar resíduos. Há sempre uma novidade no universo do Desenho Ambiental, Urbanismo Ecológico ou Arquitetura da Paisagem, seja qual for a denominação (pois isso poderia ser matéria para um outro artigo). Somos capazes de cultivar todos os tipos de plantas em quase qualquer lugar, de criar um Parque verdadeiramente interligado no ecossistema urbano com seus fluxos e intensas trocas de energias. É irrefutável a hipótese de que a Arquitetura da Paisagem pode ajudar a envolver as pessoas com harmonia, beleza, vitalidade e adequação.

Na presente pesquisa, que ora encontra-se em andamento, o que se busca é desenvolver um método que possa nos ser útil para analisar intervenções paisagísticas já realizadas. A partir da reflexão teórica e da análise de casos, contribuir para a pesquisa e a prática protetual.

2. METODOLOGIA EM CONSTRUÇÃO

A construção de uma metodologia é uma parte importante da presente pesquisa. A escolha de um teórico do urbanismo clássico, com influência de autores tradicionais como Camilo Sitte, Lewis Mumford e Alexander faz referência a uma linhagem da arquitetura e urbanismo que dá a devida importância a valores históricos e culturais sem deixar de lado questões ecológicas que começam a emergir ainda na segunda metade do século XX.

Em *Designing and Conducting Mixed Methods Research*, John W. Creswell, baseia-se na metodologia de pesquisa em que múltiplos métodos são utilizados. Mescla posições filosóficas, inferências e interpretações de resultado. O método proposto por Creswell propõe abordagens qualitativas e quantitativas na metodologia de um estudo. Convida a participar do diálogo sobre





múltiplas maneiras de ver e ouvir, múltiplas maneiras de extrair sentido do mundo social e múltiplos pontos de vista sobre o que é importante e deve ser valorizado e apreciado.

A pesquisa de métodos mistos é um projeto de pesquisa com suposições filosóficas e também com um método de investigação. A escolha por uma linhagem filosófica guia a direção da coleta e da análise e mistura de abordagens quantitativa e qualitativa em muitas fases do processo da pesquisa. Os problemas adequados a um método de pesquisa misto são aqueles em que uma fonte de dados pode ser insuficiente, os resultados precisam ser explicados, os achados exploratórios precisam ser generalizados, um segundo método é necessário para melhorar o método primário, uma postura teórica precisa ser empregada e um objetivo geral da pesquisa pode ser mais bem tratado com fases ou projetos múltiplos. A perspectiva teórica proporciona uma lente por meio da qual todo estudo se desenvolverá. (Creswell, 2013)

Na construção do método em relação à abordagem do tema: a importância dos valores estéticos na forma da paisagem, encontramos na obra de Kevin Lynch, uma teoria normativa que pode nos servir como um instrumento para análise dos Parques Públicos que estudaremos a seguir. O objetivo do presente trabalho é discutir e apresentar uma posição acerca da importância dos aspectos estéticos na paisagem dos parques urbanos e os efeitos que podem estar relacionados a fatores ecológicos. A presente pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento e para a presente análise selecionamos como objeto o Parque da Juventude.

3. A BOA FORMA DA PAISAGEM

Em a Boa Forma da cidade, Lynch (1988) adota uma visão sistêmica, sem esquecer os aspectos que relacionam percepções estéticas. De acordo com o autor, é necessário partir de uma perspectiva da natureza dos assentamentos humanos. A ideia da ecologia parece próxima, uma vez que “um ecossistema é um conjunto de organismos num habitat (...) esse sistema de relações pode ser considerado como um conjunto com aspectos característicos da flutuação e do desenvolvimento, do ciclo de nutrientes e da passagem de energia. O conceito tem a ver com sistemas muito complexos com elementos orgânicos e inorgânicos em conjunto, e com uma profusão de intervenientes e de formas”. (Lynch, 1988:114)

É inegável a influência do paradigma ecológico no surgimento de novas teorias urbanas. Considerar a complexidade e se conectar positivamente com o ambiente passa a ser uma premissa básica de qualquer projeto. Para Lynch, uma paisagem deve manter a continuidade dessa ecologia



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



complexa, apesar de permitir uma mudança progressiva. O bem fundamental é o desenvolvimento contínuo do indivíduo ou do pequeno grupo e de sua cultura: “um processo para se tornar mais complexo, mais ricamente interligado, mais competente, adquirindo e concretizando novos poderes – intelectuais, emocionais, sociais e físicos”. A questão estética por sua vez aparece com um conteúdo que agrega a experiência social e sensorial ao mesmo tempo.

O Parque Público aparece como aquele lugar onde todos tem direito a uma experiência contemplativa sublime. Algo que nos tira da vida automática, da pressão do dia a dia. Podemos citar alguns exemplos de como isso funciona bem: Central Park ou Ibirapuera são ótimos casos. Muitas indagações persistem: quais são as características, os atributos físicos e estéticos que caracterizam essas áreas verdes as quais consideramos espaços agradáveis?

O presente trabalho busca desenvolver uma metodologia para análise de Parques Públicos, tendo por objetivo contribuir com a pesquisa, o ensino e a melhoria das intervenções projetuais em áreas verdes públicas.

Em A boa forma da cidade, Lynch desenvolve um método de análise que acreditamos pode nos ser útil. A seguir, desenvolveremos uma análise da Arquitetura da Paisagem do Parque da Juventude, em São Paulo a partir das dimensões de execução da forma. O objetivo de usar o método de Lynch na presente pesquisa, busca responder a seguinte questão: É possível analisar a forma do Parque urbano a partir de atributos ou dimensões que combinem aspectos ligados a estética e a ecologia?

De acordo com Lynch podemos analisar cinco dimensões de desempenho, sendo elas: vitalidade, sentido, adequação, acesso e controle. Além das cinco dimensões o autor destaca os meta-critérios eficiência e justiça que devem ser analisados em relação a cada uma das dimensões.

4. O PARQUE DA JUVENTUDE EM SÃO PAULO

Projetado e construído entre 2003 e 2005, O Parque da Juventude foi implantado na área onde anteriormente funcionava o Complexo Penitenciário do Carandiru, antigo bairro da Coroa. A área é cortada por um dos meandros do Rio Tietê, o Córrego Carajás. O Parque da Juventude tem a missão de recuperar a área.

Após o trágico massacre do Carandiru, ocorrido em 1992, onde morreram 111 presos do Pavilhão 9 passou-se um longo período de desativação. O presídio foi finalmente implodido em 2002. É a partir de então que, depois de quase um século após a fundação da primeira Casa de Detenção



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



em 1911, a região começa a ter um destino diferente. O parque representa um novo marco cultural e de lazer, renovando a paisagem urbana, busca recuperar e integrar a região.



Figura 1 - Imagem da implosão do Carandiru 2002. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=QhLt7iKUrYY>

Mas então o que fazer para recuperar uma região marcada por um uso degradante como é o caso de uma prisão? Como recuperar a região e tentar diluir as profundas marcas deixadas pela presença da penitenciária que por tantos contribuiu com uma imagem negativa para o entorno?

Assim, o projeto surge e recebe o nome de Parque da Juventude. A implantação do parque não se dá de forma isolada. O projeto se insere na operação urbana denominada Carandiru – Vila Maria. A região onde se encontra localizada ao norte da várzea do Rio Tietê. Na área compreendida entre o rio e as primeiras colinas do maciço da Cantareira. A área como um todo teve uma ocupação desordenada. A estrutura fundiária é bastante heterogênea com grandes discrepâncias nas divisões



dos lotes e de sua ocupação. Na imagem abaixo podemos ver o Parque Implantado. Ver figura 2.

Figura 2- Vista aérea do Parque da Juventude implantado na área do Carandiru. Disponível em
<http://casa.abril.com.br/materias/arquitetura/melhor-arquitetura-conheca-ganhadores-516320.shtml>

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



No projeto do Parque, parte da estrutura foi preservada, com algumas vigas e colunas quase intactas, que de forma sensível e poética lembram a penitenciária que um dia ali existiu. Objeto de um concurso público, o projeto ficou a cargo do escritório Giancarlo Gasperini, com autoria da arquiteta Rosa Grena Kliass. O projeto divide a área de 240 mil m² em três grandes espaços, com funções distintas: área esportiva, área contemplativa e área cultural.

5. ANÁLISE DE ACORDO COM AS 5 DIMENSÕES DE DESEMPENHO DE LYNCH

VITALIDADE

Um ambiente é um bom habitat se servir de apoio à saúde e ao bom funcionamento biológico do indivíduo. Para Kevin Lynch os aspectos que definem a vitalidade dependem da natureza do ambiente espacial e tem raízes nas características universais da biologia humana (visão antropocêntrica), Lynch destaca ainda três características fundamentais do ambiente indispensáveis ao bom funcionamento biológico e à sobrevivência nesse sentido, que transformam o local num terreno adequado para vida.

Sendo estas: sustentação, segurança e consonância. Observa-se que a visão sistêmica permeia todo o trabalho de Lynch:

“ O interesse humano na saúde de toda comunidade ecológica pode justificar-se com o fato de dependermos de toda a cadeia da vida e de podermos sofrer se essa cadeia se desintegra. Deste modo, a estabilidade relativa do sistema ecológico local deve ser uma medida com alguma importância para nós. ” (Lynch, 1981:125)

No Parque da Juventude a área de bosque apresenta uma vitalidade própria, as flores e folhas que caem podem servir de adubo. Caracterizando assim um sistema semi-aberto onde não há grande necessidade de entrada de elementos necessários para os fluxos vitais. Ver figura 3.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

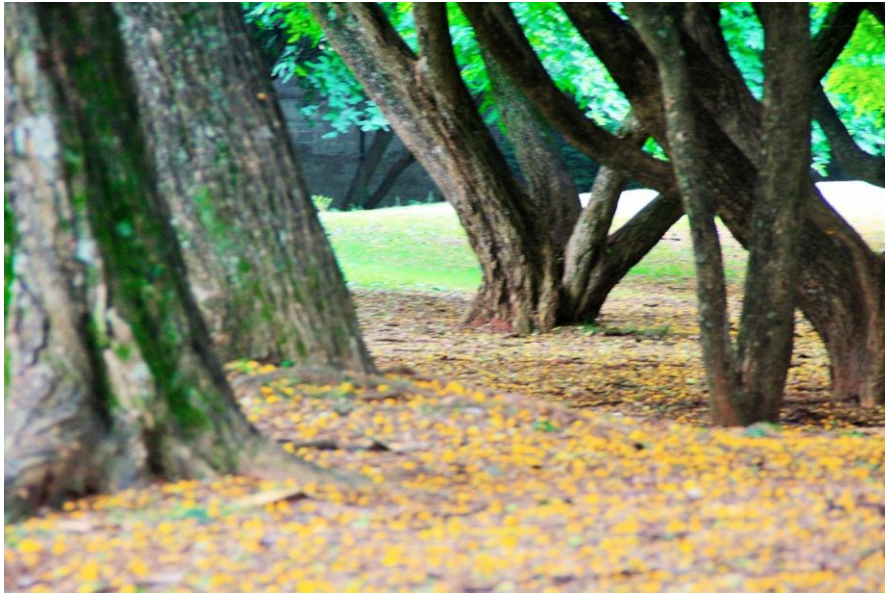


Figura 3 - imagem da área do bosque, no Parque da Juventude -. Fonte: foto da autora.

Sem dúvida um dos fatores relacionados à questão da vitalidade é a presença, do Córrego Carajás. Na figura 4 vemos a situação desse meandro do rio Tietê, podemos ver resíduos sendo despejados sem tratamento comprometendo a dimensão da vitalidade, tanto no quesito antropocêntrico quanto numa visão mais ecológica, já que isso compromete o desenvolvimento da flora e da fauna do ecossistema local. Pra Lynch o interesse humano na saúde de toda a comunidade ecológica se justifica pelo fato de que um ecossistema é interdependente.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 4 - A foto tirada da ponte sobre do Córrego Carajás. Fonte: foto da autora.

SENTIDO

O grau em que um determinado espaço pode ser compreendido e mentalmente diferenciado. A correspondência entre o ambiente, as nossas capacidades mentais e sensoriais e as nossas construções culturais, a união entre a forma do ambiente e os processos humanos de percepção e cognição.

O sentido depende da forma e da qualidade espaciais, mas também da cultura, do temperamento, do estatuto, da experiência e do objetivo do observador. Sua forma mais simples é a identidade, o nível em que uma pessoa consegue reconhecer um local.

Existe um prazer em sentir o mundo, o jogo da luz, a sensação e o cheiro do vento, os toques, os sons, as cores, as formas. Na figura 5 vemos Jovens praticando luta medieval no gramado do Parque da Juventude. Pare eles, é possível viajar no tempo como se o gramado fosse um campo de batalha de mais de 500 anos. A ausência de elementos por vezes favorece a flexibilidade do espaço. Cada indivíduo é capaz de conferir um sentido diferenciado no ambiente.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 5 - Jovens praticando luta medieval no gramado do Parque da Juventude. Fonte: foto da autora.

Na imagem, além do contraste entre luz e sombra, podemos observar que um monumento de caráter ecumênico simbolizando a paz pode assumir os mais diversos sentidos de acordo com as referências de quem observa. É interessante que a paisagem tenha a capacidade de criar sentido ao mesmo tempo em que o observador a percebe e se identifica, criando assim um sentido único e especial para uma simbologia supostamente de caráter generalizado. Ver figura 6.

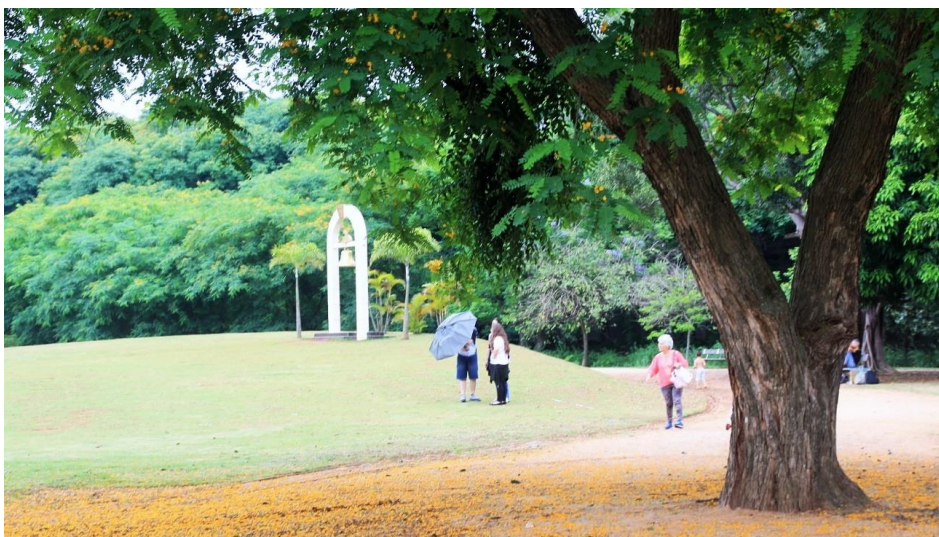


Figura 6 - Na imagem, observamos simbologia, além do contraste entre luz e sombra. Fonte: foto da autora.

ADEQUAÇÃO





O grau em que a forma e a capacidade dos espaços, canais e equipamentos correspondem ao padrão e a quantidade de ações em que as pessoas normalmente se envolvem em um determinado espaço. Adaptabilidade dos espaços aos cenários comportamentais. Um local bem adaptado é aquele em que função e forma estão bem adequadas, uma à outra. No Parque da Juventude o projeto foi concebido com três grandes áreas. Na figura abaixo vemos a área de parque adaptada para recreação infantil. O Parque também possui equipamentos adaptados para portadores de necessidades especiais. Além de áreas projetadas para a prática de esportes.



Figura 7 - Área para recreação infantil. Fonte: foto da autora

Para Lynch (1981) os locais podem ser modificados para se adequarem aos comportamentos e por sua vez os comportamentos muitas vezes se alteram pelas condições encontradas em um determinado ambiente. Essa adequação tem a ver com o desenho e a forma da paisagem e com os comportamentos. A Arquitetura da Paisagem deve, portanto, criar novos cenários e promover assim um maior número de interações. Um parque pode servir para jogos competitivos e estar inadequado para brincadeiras mais lúdicas e infantis, portanto o desenho deve levar em conta a variedade de uso e as regras de tolerância. Pode-se se criar situações propícias a experiências intencionais.

A Arquitetura da Paisagem proporciona áreas de sombra e de sol, os espaços podem ser adaptados à diversidade de necessidades humanas. A presença de áreas sombreadas e mobiliário

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



adequado contribui para essa dimensão. Nas duas imagens que vemos a seguir o espaço proporciona o cenário ideal para diferentes situações. Ver figuras 8 e 9.



Figura 8 - Áreas de sombra e de sol. Fonte: foto do autor



Figura 9 - As pessoas usufruem do espaço de acordo com suas necessidades e vontades, o ambiente tem capacidade de adaptação, os cenários influenciam e são influenciados pelos atores. Fonte: foto da autora

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



ACESSO

A capacidade de alcançar outras pessoas, atividades, recursos e serviços, informações ou locais, incluindo a quantidade e a diversidade dos elementos que podem ser alcançados. De acordo com Lynch (1981) encontramos uma crescente necessidade de acesso a paisagens específicas, devido às suas qualidades sensoriais, ao seu significado simbólico ou às oportunidades que oferecem para atividades recreativas e contemplativas. A dimensão do acesso também está relacionada com o grau de mobilidade no espaço urbano. O sistema de acesso pode ser um elemento estratégico no sentido do ambiente. Lugares com maior diversidade de acessos costumam ser mais seguros e cheios de vida, lugares menos acessíveis tem a tendência a parecerem mais inseguros e sinistros. A arquitetura é fluida no Parque da Juventude, as marquises ajudam a definir acessos. Vale também ressaltar a localização estratégica ao lado do Metrô Carandiru. Figura 10



Figura 10 – Acesso principal Parque da Juventude. Fonte: Foto da autora.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



CONTROLE

O grau em que a utilização e o acesso a espaços e suas atividades, e sua criação, reparação, modificação e gestão são controlados. Como vemos na figura 11, a arquitetura da paisagem também permite o controle de entrada e saída do parque que tem duas entradas principais, na imagem vemos o acesso pela Avenida Zacchi Narki.

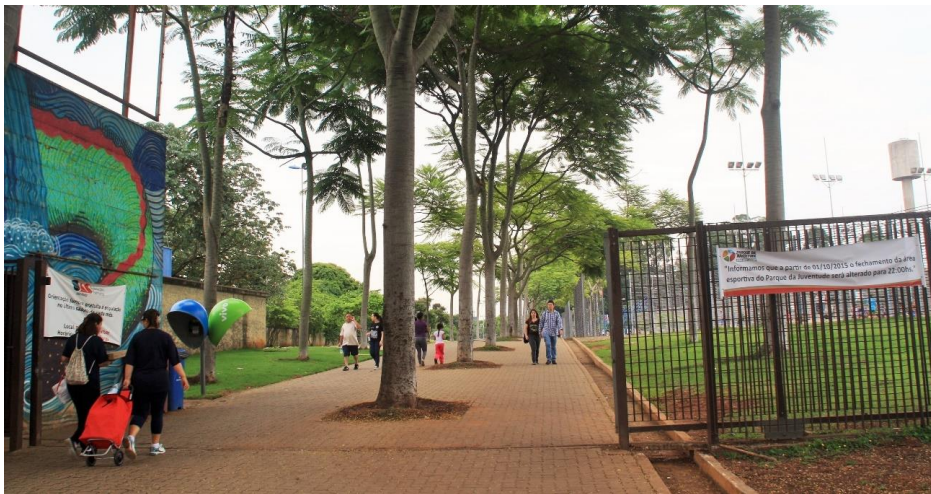


Figura 11 Controle de entrada e saída. Foto da autora.

Para Lynch, o homem é um animal territorial, utiliza o espaço para gerir seus intercâmbios e reivindica direitos sobre seu território. O controle do espaço tem fortes consequências sensoriais e psicológicas. Isso se evidencia ainda mais em países em desenvolvimento onde a desigualdade social aparece como um fator gerador de uma série de problemáticas relacionadas. Através da dimensão do controle pode-se criar sensação de segurança ou insegurança, satisfação, orgulho ou submissão. (Lynch, 1981)

Lynch ainda destaca que o controle pode ter a ver com o direito de presença, direito de uso, direito a apropriação, direito a modificação e a disposição. Nesse ponto a formação de gestores locais é de suma importância para o controle do espaço. Os espaços podem ser reformulados para criar oportunidades de gestão local. Outro fator importante para Lynch é a forma como as pessoas compreendem o sistema de controle. Cercas de aço ajudam a definir e controlar os espaços no





projeto do Parque da Juventude. Essa definição ajuda a evitar conflitos e melhora a legibilidade do espaço.



Figura 12 - Cercas de aço auxiliam na divisão das áreas esportiva. Fonte: Foto da autora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado mostra a pesquisa em fase inicial. Na análise de vários aspectos da paisagem relativos a aspectos sensoriais, estéticos e ecológicos. Consideramos que nessa aproximação preliminar do método de Lynch com o nosso objeto se esboçam uma série de caminhos a serem percorridos e experimentados ao longo de desenvolvimento pretendido. A principal preocupação do arquiteto paisagista deve ser a compreensão do ambiente de forma a moldá-lo de acordo com os anseios da comunidade. Uma vez construída, as formas alteram a paisagem. Raramente elas são analisadas para saber se os objetivos iniciais foram atendidos.

Padrões físicos podem ter efeitos previsíveis até certo ponto. A forma de aproximação dos usuários também modifica e dá vida ao ambiente comprovando a teoria sistêmica. De acordo com Lynch (1981) observar e fotografar o comportamento dos usuários é uma das fases na análise.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



A pesquisa, portanto, deve se estender até a fase onde chegaremos a indagar as pessoas sobre como elas se relacionam com o lugar e em que medida se identificam, juntando todos os elementos poderemos entender cada vez melhor como conseguir a boa forma da paisagem.

7. BIBLIOGRAFIA

CRESWELL, John W. DESIGNING AND CONDUCTING MIXED METHODS RESEARCH. United States of America. SAGE Publications. 2011.

CRESWELL, John W. PESQUISA DE MÉTODOS MISTOS. John W. Creswell/ Vicky L. Plano L. Tradução: Magda França Lopes. Revisão Técnica: Dirceu da Silva. 2ª edição. Porto Alegre. Penso 2013.

CULLEN, Gordon. PAISAGEM URBANA. Lisboa: Edições 70, 1983. 202 p.

HUISMAN. A ESTÉTICA. Lisboa: Edições 70, 1994. 134 p.

LYNCH, Kevin. A BOA FORMA DA CIDADE. Lisboa. Edições 70. 1981. 448p.

MAGALHÃES, Manoela Raposo. A ARQUITETURA PAISAGISTA – morfologia e complexidade. Lisboa. Editorial Estampa. 2001.

